



## CARTOGRAFIA DA PROSTITUTA NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX – DE 1900 A 1920

### CARTOGRAPHY OF PROSTITUTES IN BRAZILIAN LITERATURE OF THE TWENTIETH CENTURY - FROM 1900 TO 1920

Douglas De Sousa<sup>1</sup>

David Lucas de Freitas Lopes<sup>2</sup>

Deivison Basílio dos Santos<sup>3</sup>

Liz Lanne Costa Lima<sup>4</sup>

Karolayne Silva de Araújo<sup>5</sup>

Michelly Kauany Carvalho de Sousa<sup>6</sup>

Natália Kawanne Lima Santos<sup>7</sup>

**Resumo:** O estudo, de base qualitativa e quantitativa, mapeou e analisou as representações de prostitutas na literatura brasileira das primeiras décadas do século XX, período de intensas transformações sociais e culturais. A pesquisa examinou estereótipos, visões culturais e representações simbólicas dessas personagens, utilizando crítica literária, estudos culturais e história social. Os resultados revelam abordagens variadas, desde visões moralizantes até representações mais complexas e humanizadas. O estudo também gerou um banco de dados sistematizado, contribuindo para a análise das relações entre literatura, gênero e sociedade. Com pressupostos teóricos para a pesquisa qualitativa foi chamado Mikhail Bakhtin no que tange a teoria do romance, como também Margareth Rago para trazer a história e os estereótipos da profissional do sexo e entre outros teóricos, para a pesquisa quantitativa foi utilizado o acervo digital *Biblioteca Digital da Literatura Maranhense* entre outras plataformas de busca digitais. Este artigo representa a primeira etapa de uma investigação contínua sobre o tema.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Prostituição; Catalogação; Mulheres; Romances.

**Abstract:** This study, based on a qualitative and quantitative approach, mapped and analyzed the representations of prostitutes in Brazilian literature during the first decades of the 20th century—a period of intense social and cultural transformations. The research examined stereotypes, cultural perspectives, and symbolic representations of these characters, utilizing literary criticism, cultural studies, and social

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura, Universidade de Brasília (UnB). Professor da graduação e da pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Presidente Dutra, Maranhão, Brasil. E-mail: [doug.rsousa@gmail.com](mailto:doug.rsousa@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Presidente Dutra, Maranhão, Brasil. E-mail: [dlfreitas215@gmail.com](mailto:dlfreitas215@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Presidente Dutra, Maranhão, Brasil. E-mail: [deivisonbasilio0033@gmail.com](mailto:deivisonbasilio0033@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduada em Letras (UEMA), Presidente Dutra, Maranhão, Brasil. E-mail: [liz.lanne440@gmail.com](mailto:liz.lanne440@gmail.com)

<sup>5</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduada em Letras (UEMA), Presidente Dutra, Maranhão, Brasil. E-mail: [karolainyaraujo34@gmail.com](mailto:karolainyaraujo34@gmail.com)

<sup>6</sup> Graduada em Letras Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Presidente Dutra, Maranhão, Brasil. E-mail: [michellycarvalho238@gmail.com](mailto:michellycarvalho238@gmail.com)

<sup>7</sup> Graduada em Letras Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Presidente Dutra, Maranhão, Brasil. E-mail: [nataliakawanne81@gmail.com](mailto:nataliakawanne81@gmail.com)



history. The results reveal varied approaches, ranging from moralizing views to more complex and humanized representations. The study also generated a systematized database, contributing to the analysis of the relationships between literature, gender, and society. For the qualitative research, the theoretical framework included Mikhail Bakhtin regarding the theory of the novel, as well as Margareth Rago to address the history and stereotypes of sex workers, among other theorists. For the quantitative research, the digital collection of the *Biblioteca Digital da Literatura Maranhense* among other digital search platforms. This article represents the first stage of an ongoing investigation into the theme.

**Keywords:** Brazilian literature; Prostitution; Cataloging; Women; Novels.

## 1 Introdução

Sabidamente, a literatura configura-se como horizonte discursivo fundamental na representação das alteridades e do mundo, encampando tanto o tempo histórico quanto as prospecções das situações mais diversas, refletindo, dialeticamente, assim, a realidade social. No domínio ficcional, a figura da mulher prostituta sobressai de forma expressiva, sintetizando as complexidades inerentes à sua experiência e oferecendo uma perspectiva crítica e multifacetada sobre essa condição. Ao abordar essa temática, a literatura consubstancia criticamente as dinâmicas sociais, desafiando, assim, estereótipos recorrentes e reducionismos caricatos, os quais fomentam o imaginário e alimentam a rede de preconceitos, e incentivando os leitores a questionar e compreender as questões relacionadas à marginalização, ao poder e ao trato das mulheres, em geral, na sociedade.

Nesse primeiro momento, é fundamental que sejam estabelecidos alguns conceitos primordiais para o desenvolvimento da presente pesquisa, como os termos *prostituta*, *prostituição* e *prostituir*. O dicionário Aulete define *prostituta* como “mulher pública, meretriz” (1974, p. 2969); *prostituição* como “vida de devassidão, de impudícia; ação de vergonhosa condescendência, de vergonhoso servilismo”; e *prostituir* no sentido de “entregar à vida de devassidão, tornar devasso, corromper, desmoralizar, aviltar-se, desonrar-se, descer no nível moral, rebaixar-se”. Já pela acepção, trazida por Houaiss (2010, p. 635), prostituta é “mulher que ganha dinheiro para manter relações sexuais, meretriz” enquanto prostituir significa “entregar-se ou manter relações sexuais em troca de dinheiro; rebaixar(-se) moralmente; degradar(-se); corromper(-se)”. Ainda, a prostituição é consignada pelo Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras como: “1. Ato ou efeito de prostituir ou prostituir-se; 2. Participação em ato sexual ou libidinoso em troca de dinheiro; 3. Modo de vida em que a realização desses atos constitui a principal fonte de renda; meretrício”.

Na literatura brasileira, a representação da mulher ultrapassou a dimensão de uma figura idealizada e submissa a uma abordagem mais realista, carregando, desse modo,



as complexidades socioculturais e econômicas, bem como as subjetividades implicadas. Tal perspectiva foi, indubitavelmente, influenciada pelos movimentos feministas, que exploram as suas lutas e conquistas. Já a prostituta, porém, foi, frequentemente, retratada, de forma estigmatizada e estereotipada, associada ao pecado, à decadência, a males morais diversos. Esses fatores contribuíram para uma representação mais realista e heterogênea da mulher. Nesse sentido, Ivia Alves (2002) considera que:

Portanto, a grande maioria de escritores, na ascensão da burguesia, era homens que se empenharam na construção de um modelo de mulher burguesa; na realidade, construíram três tipos de comportamento (modelo): a mulher-anjo, a mulher-sedução (ambas aceitas pela sociedade) e a terceira, a mulher-demônio, a excluída, porque representava a mulher tentação. Esta exclusão que, inicialmente, podia designar a prostituta, no final do século XIX se amplia para, também, designar as mulheres intelectuais e todas aquelas que resistiam a comportar-se conforme o modelo idealizado e aceito pela sociedade burguesa (Alves, 2002, p. 88).

Além disso, a representação das mulheres, ao longo da história, frequentemente, baseou-se em dualidades simplistas e estereotipadas, como frágil *versus* forte e santa *versus* pecadora, incorporando, assim, uma perspectiva masculina limitada e conservadora. As figuras de Eva e Maria exemplificam essa dicotomia, ilustrando a construção da imagem feminina conforme padrões vigentes. Contudo, algumas obras buscam romper com esse estigma, apresentando a mulher de forma mais humana e complexa, mostrando escolhas baseadas em necessidade ou vontade própria. Essas narrativas ampliam, portanto, a compreensão sobre gênero, sexualidade, poder e marginalização na literatura brasileira.

Piscitelli (2005) observa que, na produção acadêmica sobre gênero e prostituição, o gênero é tratado de maneira complexa e não linear, refletindo uma abordagem, a qual, também, permeia os estudos socioantropológicos associados ao tema:

Em primeiro lugar, gênero pode ser considerado na perspectiva dos papéis sexuais, e/ou da distinção sexo/gênero ou em leituras que contestam essa distinção. Ao mesmo tempo, essa categoria pode ser pensada privilegiando as dimensões representacionais, ou o plano das identidades, isto é, à maneira como se constitui o sentimento individual ou coletivo de identidade. Por outra parte, e talvez seja esse um dos pontos mais significativos, não há convergências em termos de tratar sexualidade e gênero como analiticamente distintos e, portanto, não há convergências sobre as possíveis relações entre ambos (Piscitelli, 2005, p.18).

A autora argumenta que o gênero pode ser analisado de diversas formas: considerando papéis sexuais, a distinção entre sexo e gênero, ou questionando essa distinção. Além disso, o gênero pode ser estudado sob a ótica das representações e identidades individuais ou coletivas. Destacamos a falta de consenso acadêmico sobre a



separação e as relações entre sexualidade e gênero, refletindo a diversidade teórica nas análises. Piscitelli (2005), igualmente, discute as divergências no feminismo acerca da sexualidade, considerando essa instância como instrumento de opressão e a outra como fonte de liberação, sendo que a prostituição e a pornografia constituem temas centrais nesse debate. Dessa forma, a autora adentra nas relações de poder que envolvem as práticas de prostituição. Conforme a autora, se por um lado,

a prostituta é um objeto sexual, um ser passivo e carente de poder. No outro polo, há posições que, ao contrário, consideram a vinculação das mulheres com o sexo a fonte de seu maior poder. Assim, a prostituta seria um símbolo da autonomia sexual das mulheres e, como tal, uma ameaça potencial ao controle patriarcal sobre a sexualidade das mulheres. Outras, mais cautelosas, pensam no sexo como um terreno de disputa, não como um campo fixo de posições de gênero e poder. Estas linhas de pensamento reconhecem a existência de uma ordem sexista, mas consideram que ela não é inteiramente determinante. O sexo é visto como uma tática cultural que pode tanto desestabilizar o poder masculino como reforçá-lo. As práticas de prostituição, tais como outra forma de mercantilização e consumo, devem ser lidas de maneiras mais complexas que apenas uma confirmação da dominação masculina: em certas circunstâncias, elas podem ser espaços de resistência e de subversão cultural. Por este motivo, estas linhas consideram que a posição da prostituta não pode ser reduzida à de um objeto passivo utilizado na prática sexual masculina, mas como um espaço de agência no qual se faz um uso ativo da ordem sexual existente (Piscitelli, 2005, p.13-14).

A autora apresenta três visões sobre a prostituição na França do século XVI: a primeira considera a prostituta como um objeto sexual passivo e sem poder; a segunda a enxerga tanto como um símbolo de autonomia sexual feminina quanto como uma ameaça ao controle patriarcal; e a terceira, mais equilibrada, entende o sexo como um campo de disputa, em que a prostituição pode tanto reforçar quanto desafiar o poder masculino, permitindo espaços de resistência e subversão. Conforme Silva Federici (2017), a simples acusação de um homem de que uma mulher era prostituta, ou havia cedido a seus impulsos sexuais, podia resultar em punições que variavam desde a morte até a exclusão social. Segundo a autora:

As prostitutas, especialmente aquelas que trabalhavam na rua, eram severamente penalizadas: banimento, flagelação e outras formas cruéis de reprimendas. Entre elas, a cadeira de imersão... em que as vítimas eram atadas, às vezes presas numa jaula, e, então repetidamente imersas em rios ou lagoas até quase se afogarem. ... Enquanto isso, na França do século XVI, o estupro de prostitutas deixou de ser crime. ... Se fossem pegas em flagrante deveriam receber cem chibatadas e, depois, serem banidas da cidade por seis anos (Federici, 2017, p.187).

Os valores socialmente construídos relegaram as mulheres às margens da sociedade, expondo-as a vulnerabilidades, particularmente no mercado de trabalho. Para as prostitutas, essa marginalização reflete na estigmatização de sua profissão, em que são vistas como uma ameaça à moral vigente e rotuladas como desviantes dos padrões aceitos.



A partir dessas perspectivas, no transcórre desta pesquisa, catalogamos obras do gênero romance compostas por autores brasileiros e publicadas entre 1900 e 1920, sobre a imagem da prostituta. Esta pesquisa é um recorte de um projeto guarda-chuva, que conta com a contribuição de alguns especialistas no sentido de localizar/procurar romances que disponham de personagens prostitutas, bem como de demarcar o modo que foram caracterizadas no decorrer da narrativa. As buscas realizaram-se, principalmente, em plataformas digitais, como a *Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos*, *Dados Bibliográficos sobre Literatura em Língua Portuguesa*, *Google Acadêmico*, *SciELO*, *Biblioteca Digital da Literatura Maranhense* entre outros. Em seguida, selecionaram-se as fontes primárias com base em critérios específicos, como autoria, obras brasileiras e ano de publicação, considerando-se a relevância do tema dentro do gênero romance. A partir disso, elaborou-se uma planilha de registro de dados para as obras identificadas, contendo informações detalhadas, como autor, título e data de publicação, além do nome das personagens prostitutas. O objetivo foi o de organizar e facilitar o acesso a essas informações por meio da descrição e classificação de documentos e mídias para o público leitor.

Nesse sentido, Eliane Serrão Alves Mey (1995) ressalta que a catalogação não é apenas um processo mecânico de representação de itens, mas, sim, uma atividade que requer a compreensão das características dos itens catalogados e das necessidades dos usuários. Isso significa que a catalogação envolve rigoroso levantamento e cuidadosa descrição das características dos materiais, bem como a consideração das demandas dos usuários para assegurar uma organização eficaz e, ainda, facilitar o acesso à informação. Segundo a pesquisadora:

Catalogação é o estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários (Mey, 1995, p. 5).

A catalogação tem como principal objetivo possibilitar a localização rápida e eficiente de recursos em instituições, como bibliotecas, arquivos e museus, por meio da identificação, da descrição e da classificação sistemática de itens, seguindo padrões amplamente reconhecidos. Nesse contexto, o nosso objetivo é criar um banco de dados abrangente e estruturado para analisar as representações literárias da mulher-prostituta no início do século XX, horizonte histórico significativo para a literatura brasileira devido às transformações culturais e sociais, como a urbanização e as influências da *Belle Époque*, o notável e elitizado período de cultura cosmopolita na Europa. Embora o tema



já seja amplamente discutido na literatura, a nossa abordagem inova ao organizá-lo de maneira sistemática, aportando um estudo que facilitou o acesso e a análise para pesquisadores interessados.

## 2 Romance: breves apontamentos

Neste tópico, evidenciamos alguns apontamentos fundamentados por Mikhail Bakhtin (2010) acerca do gênero romance, os quais foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Na obra *Epos e Romance*, Mikhail Bakhtin destaca que o romance é um gênero literário em estado inacabado, observando que há certas dificuldades “[...] condicionadas pela singularidade do próprio objeto: o romance é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado” (Bakhtin, 2010, p. 397). Essa condição deve-se ao fato de que, ao contrário de outros gêneros como a epopeia e a tragédia, que apresentam uma “[...] ossatura dura e já calcificada [...]” (Bakhtin, 2010, p. 397), o romance está em profundo desenvolvimento, mostrando “[...] mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade [...]” (Bakhtin, 2010, p. 400). Dessa forma, o gênero continua a se alterar, tal qual a realidade que o cerca.

Enquanto isso, György Lukács (2009), ao analisar as palavras do filósofo alemão Hegel, o qual denomina o romance como a “epopeia burguesa”, defende ser possível abordar tanto uma questão estética quanto histórica. Lukács considera o romance como o equivalente literário da epopeia na era burguesa, destacando que o romance herda as características estéticas da narrativa épica, mas também é influenciado pelas mudanças trazidas pela sociedade burguesa, o que lhe confere a sua originalidade. Assim, o romance situa-se como um gênero literário central na era moderna, em contraste com a visão anterior, que o considerava inferior. Dessa forma, o romance é plenamente reconhecido por sua natureza típica e dominante na literatura contemporânea, integrando-se, de maneira significativa, ao sistema dos gêneros artísticos.

De acordo com Mikhail Bakhtin, o romance possui características distintas que o definem como gênero. Entre elas, destacamos a presença de múltiplos planos narrativos, com várias vozes e perspectivas, em vez de um único ponto de vista dominante. O enredo é dinâmico, apresentando tramas complexas e em constante mudança, além de explorar uma variedade de temas. Os personagens são multifacetados, refletindo a complexidade da experiência humana. Sendo assim, metodologicamente, para esta pesquisa,



reconhecemos a existência e a variedade de outros gêneros literários da época, como a crônica, o conto e os poemas, que também abordaram a imagem da mulher prostituta. No entanto, ao buscar um retrato sob o viés social da época, articulado ao percurso da historiografia (ainda que sem pretender ser uma pesquisa historiográfica) e considerando-se o cruzamento entre texto e contexto, obra e autor, optou-se pelo gênero romance como o mais adequado para a catalogação que foi feita.

Considerando o período de publicação delimitado, 1900 a 1920, assim como a temática das prostitutas, foram selecionadas 14 obras, de sete autores e uma autora para a construção de um quadro que possa facilitar futuras pesquisas sobre a temática, além de buscar encontrar obras que possam ter sido esquecidas durante o tempo. Como pode-se ver:

Quadro 1: Apresentação e análise dos dados da pesquisa

OBRAS COM PERSONAGENS/TEMÁTICA DA PROSTITUTAS (1900-1920)				
ROMANCISTA	OBRA	DATA	QUANTIDADE	PROSTITUTAS
Aluizio Azevedo	<i>Girândola de Amores</i>	1900	1	Cecilia
Aluísio Azevedo	<i>A Condessa de Vesper</i>	1901	1	Ambrosina
Coelho Neto	<i>Tormenta</i>	1901		Não há personagem, mas aborda a temática
Júlia Lopes de Almeida	<i>A Falência</i>	1901	1	Mãe de Nina
José Pereira da Graça Aranha	<i>Canaã</i>	1902	1	Maria
Antônio Lobo	<i>A carteira de um neurastênico</i>	1903	1	Mariana
Coelho Neto	<i>Álbum de Caliban</i>	1905	1	Margarida
Coelho Neto	<i>O Turbilhão</i>	1906	3	Violante – Rita – Vizinha
Coelho Neto	<i>Esfinge</i>	1908		Não há personagem, mas aborda a temática
Júlia Lopes de Almeida	<i>A Intrusa</i>	1908		Não há personagem, mas aborda a temática
Lima Barreto	<i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i>	1909		Não há personagem, mas aborda a temática
Lindolfo Rocha	<i>Maria Dusá</i>	1910	1	Maria Dusá
Coelho Neto	<i>Rei negro</i>	1914	4	Lucinda/ Florentina/ Inácia/ Maria da Glória
Hilário Tácito, pseudônimo de José Maria de T. Malta	<i>Madame Pommery</i>	1920	2	Madame Pommery/ Zoraida



Fonte: Autores (as) da pesquisa.

No quadro, observam-se os dados que norteiam esta pesquisa, destacando os anos de 1900 a 1920. Percebe-se, portanto, que em determinados anos destacaram-se mais publicações de obras com essa temática do que em outros. Assim, esta pesquisa de catalogação proporcionou uma visão abrangente das representações literárias da prostituta ao longo desse período. Os resultados obtidos revelaram a complexidade e a diversidade das abordagens adotadas por parte de diversos autores e autoras da época, bem como as nuances e as mudanças nas representações da prostituta na literatura brasileira do século XX.

### 3 Vulnerabilidade e sobrevivência: a pobreza como caminho para a prostituição

No decorrer do século XIX, acreditava-se, amplamente, que a principal razão que levava uma mulher a ingressar no mundo da prostituição era a pobreza. No entanto, era comum que essas mulheres fossem retratadas como figuras de caráter fraco, motivadas pelo amor ao luxo e ao prazer. Rago (1990) ressalta que essa perspectiva:

Transformava a meretriz numa figura vitimizada pelo destino cruel, que se sacrificava absolutamente contra a sua vontade, pressionada pelas condições econômicas desfavoráveis. No entanto, sua personalidade frágil e vulnerável que acabava tendo o maior peso na argumentação: amante do luxo, preguiçosa, carente de educação moral, sobretudo pelos maus exemplos dos pais e familiares, dotada de um forte temperamento erótico, a jovem pobre se constituía numa possível prostituta. Quase todos os autores apontam como influências nocivas que atuavam sobre seu espírito fraco os livros, o teatro, o cinema, os bailes e outras formas de diversão que se propagavam na cidade moderna (Rago, 1990, p.216-217).

Ao analisarmos, por exemplo, a obra *Condessa de Vésper* (1901), de Aluísio de Azevedo, podemos notar diversos pontos acerca da figuração da mulher prostituta. Inicialmente, apontamos alguns aspectos acerca do romance, cuja publicação original ocorreu em 1882, no formato folhetim, sob o título *Memórias de um condenado*. Contudo, a obra foi republicada em 1901 sob o novo título *Condessa de Vésper*. A nova edição possui diversas alterações em relação à original, podendo ser considerada como mais próxima de um “romance moderno”. Quando analisamos a mudança efetuada no título, percebemos que a nova publicação confere maior enfoque à condessa e não ao condenado, como ocorre na versão original.

Assim, no que se refere ao conteúdo do romance, com a sua abundância de personagens e reviravoltas, reminiscentes dos folhetins e telenovelas, narra-se a história de Gabriel, um jovem rico que se apaixona por Ambrosina, uma mulher ambiciosa, que



se torna a Condessa Vésper. Apesar dos esforços de Gabriel, o protagonista é, constantemente, enganado por Ambrosina. Após a morte de seu pai e a falência, Ambrosina, para sobreviver financeiramente, entra para o mundo da prostituição, inicialmente como cortesã, ou seja, atendendo a pessoas das altas camadas sociais. No início, ela ganha bem, mas, com o tempo e a idade, é impelida a trabalhar em locais de baixa renda, enfrentando, assim, uma realidade bem mais adversa e dura.

Além de Ambrosina, outra personagem prostituta presente, na trama, é Estela, uma jovem pobre e órfã, que vive em um internato, mas é forçada a sair após o estabelecimento ir à falência. A jovem, então, passa a se prostituir para sobreviver. Devido a seu baixo status econômico, Estela atua em locais que possuem clientes muito pobres. Ao longo do enredo, é dito que a moça trabalha em um “baixo meretrício dos beijos fluminenses” (Azevedo, p. 349); em contrapartida, Ambrosina localiza-se no “alto coquetismo fluminense” (Azevedo, p. 297). Essa diferença decorre das condições sociais e financeiras iniciais de cada uma, que, no transcorrer da narrativa, muda, visto o gradual empobrecimento de Ambrosina. Nesse sentido, há um alinhamento das duas personagens, nesse campo, já que ambas passam a acolher uma clientela pobre.

Conforme destacado anteriormente no texto, predominava o estereótipo da pobreza como um motivador central para a entrada de mulheres no mundo da prostituição. Essa concepção também se fez presente de forma muito evidente no enredo da obra, na qual se tornar cortesã constitui um meio de sobrevivência. O seguinte trecho ilustra tal situação:

[...] Desejei vê-lo de novo, Gabriel, porque ao Senhor devo a parte melhor, mais doce e menos impura, do meu triste destino, o único instante de minha existência em que não me julguei de toda indigna de amar a Deus; chamei-o para lhe pedir que me perdoe e, se lhe merecer compaixão a dor suprema da mais perdida das perdas, que a esta ampare com a sua generosidade de homem de bem, para que não tenha ela de recorrer de novo à prostituição, como único meio de vida que lhe resta (Azevedo, 1901, p. 441-442).

A prostituição, portanto, é representada na literatura como o último recurso disponível às mulheres para sobreviver em contextos de extrema vulnerabilidade. A personagem em questão está presa a uma realidade, na qual, o único meio de assegurar condições mínimas de sobrevivência é recorrendo-se à prática da prostituição, decisão a lhe trazer imensos e inegáveis sofrimento e vergonha. A busca por redenção e por compaixão reflete essa batalha interna, em que, constantemente, carrega o peso da culpa dado o envolvimento em uma circunstância que contraria os próprios valores e crenças, mas que surge como a única alternativa possível naquele momento.



Ademais, o trecho da obra evidenciou a complexidade dos sentimentos experienciados por essas mulheres, que se veem desumanizadas e privadas de qualquer dignidade mínima. A prostituição é apresentada não como uma escolha deliberada, mas como uma imposição de um contexto específico, marcado pelas circunstâncias econômicas – destino que essas mulheres, provavelmente, evitariam se dispusessem de outras opções viáveis.

Essa miragem crítica faz-se presente, também, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), na qual o escritor Lima Barreto oferece, de modo similar, uma visão crítica e multifacetada no que refere à figura da mulher prostituta:

[...] Aos seus olhos – muitas vezes se me veio a afigurar – eu era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora... Seria demais tudo isso; cercá-la-ia logo o ambiente de sedução e corrupção, e havia de acabar por aí, por essas ruas (Barreto, 1909, p. 19-20).

Nesse trecho, a personagem é descrita como uma jovem de beleza extraordinária, cuja condição social a destina à prostituição. A narrativa nos sugeriu que a sua aparência e origem social, inevitavelmente, a empurram para o desviante caminho de desejo e corrupção, culminando em sua marginalização nas ruas. O determinismo social torna-se, assim, evidente ao mostrar como a sociedade impõe rótulos e destinos pré-definidos às mulheres, especialmente às de classes mais baixas, associando-as à degradação moral e física.

*Madame Pommery* é o único romance do escritor José Maria de Toledo Malta (1885-1951), publicado sob o pseudônimo de Hilário Tácito, pela editora Revista do Brasil, em 1920. No caso de mulheres como Madame Pommery, que já eram prostitutas em seus países, migravam com o sonho de “fazer à América”, em outras palavras, de obter uma vida melhor. Quando chegavam à América do Sul, encontravam o mesmo destino: a prostituição, sendo esse o modo provável de sobrevivência em terras estrangeiras.

Parece que este Mr. Defer lhe tinha insuflado pensamentos aventureiros e ambições de rápida fortuna, pintando-lhe asas paragens meridionais do Novo Mundo tal qual o País de Cogne fabuloso, onde o ouro e as pedras preciosas são em tanta abundância como as araras, os papagaios e os macacos. O fato é que Madame Pommery, repentinamente, assentou de se embarcar para as Américas. Encasquetou-se-lhe a idéia de 'fazer América'. Só pensava na América (Tácito, 1998, p. 34-35).

Ao aportar em São Paulo, cidade escolhida como palco para a personagem Ida mostrar à elite paulistana todo o seu potencial, Madame Pommery conhece Pinto Gouveia, um comerciante de café, o qual convenceu a virar seu sócio e abrir o *Au Paradis*



*Retrouvé* (No paraíso reencontrado). No entanto, Pommery, logo, coloca em ação os seus planos, tornando-se a única dona do bordel. Depois, consegue a influência teatral para poder criar espetáculos e seu cassino, por meio do Dr. Filipe Mangancha, um tesoureiro da Companhia Paulista de Teatros e Passatempos. Pommery desfaz-se, também, do Dr. Mangancha e, por fim, envolve-se com Romeu de Camarinhas, um almoxarife da Intendência, começando a fase mais estável e glamorosa do Au Paradis.

O modo como a personagem foi apresentada pelo autor recorda-nos do entendimento por parte de Rago (1993) sobre as prostitutas: as responsáveis por trazer as influências e hábitos europeus, que são seguidos pelas socialites, mas não servem como modelo de ‘boa’ mulher: a ‘do lar’. Nesse sentido, Pommery é uma personagem retratada pelo autor como malandra, porque aprende a jogar conforme as regras da cidade. Com o seu bordel de luxo, frequentado, principalmente, pelos coronéis endinheirados, sempre dispostos a deixar parte de suas fortunas no lugar, Ida Pomerikowski torna-se, assim, a cafetina Madame Pommery. Interessante que a personagem, por fim, rendeu-se aos costumes morais e acaba se casando, pois, segundo ela, casar-se era a “a única coisa que faltava, para o coroamento de sua vida, era o ingresso franco do grêmio social aristocrático” (Tácito, 1998, p. 147).

Com base no que foi apontado até agora, depreendemos que a representação da mulher prostituta é, frequentemente, abordada de maneira complexa, refletindo as realidades sociais e as dificuldades enfrentadas por essas mulheres. Aluísio Azevedo, por exemplo, examinou as razões por trás da escolha da prostituição, matizando questões, como a falta de oportunidades educacionais e econômicas, bem como o impacto de circunstâncias familiares desfavoráveis.

Além disso, a literatura, em geral, recorre a elementos narrativos que humanizam essas personagens, oferecendo visões diversas de suas vidas, desafiando, desse modo, estereótipos simplistas. Outros autores, como está demonstrado no transcrito desta pesquisa, igualmente abordaram a prostituição feminina em suas obras, proporcionando uma análise crítica das complexidades sociais, que levam algumas mulheres a seguir essa profissão.

#### **4 Corpos à venda, almas à deriva: a invisibilidade social das prostitutas**

A marginalização da mulher prostituta reflete uma complexa rede de preconceitos e julgamentos morais que permeavam a sociedade brasileira durante a



primeira década do século XX. Essa percepção social “implica estigma ao trabalho desenvolvido pelas profissionais do sexo, já que não são encaradas como trabalhadoras, mas sim como mulheres de segunda ordem, carregando um pesado fardo de repressão moral” (Garcia, 2016, p. 125). As figuras de prostitutas são retratadas como marginalizadas, empurradas para a exclusão por circunstâncias sociais adversas. Essas representações reforçam, por conseguinte, uma visão moralista que as condenam ao ostracismo, embora parte da sociedade também se beneficie de sua exploração.

Ao focarmos nas obras pesquisadas, *Girândola de Amores* (1900), de Aluísio Azevedo, apresenta-nos uma representação da mulher prostituta, marcada pela ambiguidade, revelando tanto o preconceito social quanto a crítica velada às convenções da época:

Gregório, ao chegar à sala, sentiu-se constrangido. Não conhecia aquelle meio. Nunca havia penetrado em casa de uma família de artistas brasileiros; ignorava da existência d'esse gênero de pessoas, incontestavelmente dignas, mas entre as quaes a pilhéria decotada tem bom curso, a dança toma um caracter assombroso de cancan, e as mulheres discutem simultaneamente sobre tudo, desde os assumptos mais familiares e mais castos até as últimas extravagâncias da meretriz que estiver na moda (Azevedo, 1900, p. 392, sic).

No fragmento acima, a figura da prostituta está vinculada a um meio artístico marginalizado, em que a conduta feminina é desregrada e fora dos padrões morais, socialmente aceitos. Ao introduzir Gregório em um ambiente desconhecido, Azevedo imprime ao personagem o sentimento de desconforto e deslocamento, sublinhando, assim, a cisão entre o mundo respeitável e o “outro” mundo, associado às mulheres de conduta libertina.

Esse espaço feminino é descrito como um local onde há liberdade de expressão e comportamentos, que fogem ao controle moral tradicional. As mulheres, por exemplo, transitam entre conversas “castas” e temas ligados à prostituição, quebrando as barreiras impostas pelos códigos sociais que restringiam as discussões femininas. No entanto, essa liberdade também é estigmatizada, com a dança e as “extravagâncias da meretriz”. associadas a uma transgressão moral. Azevedo, ao pintar esse cenário, deslinda a complexidade da mulher prostituta em sua obra: ao mesmo tempo em que lhes confere agência, também as submete ao julgamento moral de seu tempo, perpetuando a visão dualista de que elas são, ao mesmo tempo, sedutoras e excluídas.

A escritora Júlia Lopes de Almeida, em sua célebre obra *A Falência* (1901), também se propõe a representar a figura da prostituta. Nesse caso, a personagem é



marcada pela herança de estigma social, que recai sobre sua filha, perpetuando a marginalização das mulheres ligadas a esse contexto, mesmo que não sejam necessariamente prostitutas. Apenas possuir uma ligação sanguínea com uma prostituta já lhes traz diversas problemáticas sociais:

[...] Não conhecêra a mãe, e em frente á mudez da tréva pensava nella, como se a tivera visto. Não comprehendia por que rejeitavam o seu coração amoroso. Nem mãe na infancia, nem noivo na mocidade. Que triumpho! Sabia pelos outros que a mãe fôra uma mulher da má vida e baixa classe; mais nada; e não era pouco. Criara-a desde o primeiro anno a avó paterna, D. Emilia, sem muitos agasalhos, por que o dinheiro era escasso e a paciência já não era nenhuma (Almeida, 1901, p.192).

Conforme o trecho, a personagem retratada não conheceu a própria mãe, e essa ausência é preenchida pela condenação social que a cerca, marcada pela noção de que a sua progenitora era uma “mulher da má vida e baixa classe”. Esse julgamento pré-estabelecido pelos demais sujeitos acerca de sua mãe repercute no perpassar de sua vida, determinando, desse modo, a sua posição social na sociedade e as diversas dificuldades afetivas que enfrenta. Rejeitada no amor e na infância, a jovem carrega a sombra do passado materno, em que a prostituição se torna um legado de marginalização. A sociedade a define não por quem ela é, mas pelo que sua mãe representou. Esse estigma é reforçado ao longo de sua trajetória, com a “má vida” da mãe sendo utilizada como um marcador identitário:

Acudiu-lhe então a idéia perversa de haver um proposito malicioso naquella história. Não lhe afirmara Noca tantas e tantas vezes que a prima o amava? A filha da mulher de má vida ahi estava agora, como devia ser: livre de hypocrisias. Mario estendeu-lhe os braços. Nina comprehendeu. Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto; segurou o chale com força e subiu correndo (Almeida, 1901, p.198).

Outra obra que pode enriquecer a discussão é *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), na qual encontramos uma personagem que revela sentimentos de vergonha e tormento ao se expor diante de desconhecidos, comparando-se, de forma depreciativa, a uma mulher pública: “[...] que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública [...]” (Barreto, 1909, p.104-105).

A situação descrita, referindo-se a despir-se, simboliza uma vulnerabilidade não apenas física, mas também de ordem moral e psicológica. A prostituta é, novamente, reduzida a um objeto de consumo público, desprovida de identidade própria e intimidade, exposta e consumida por outros indivíduos que buscam meros prazeres e saciedade. O sentimento de vergonha evidenciado demonstra a internalização do estigma social que



acompanha a prostituição, destacando a desumanização dessas mulheres.

A narrativa, *a posteriori*, apresentou as “mulheres públicas” como sujeitos que desempenham uma função quase decorativa, comparadas a flores que perderam o brilho natural em um ambiente inadequado:

[...] fomos descendo a rua da Lapa, transitada, ladeada de sobrados, donde pendiam mulheres públicas em peignoir, como descoradas orquídeas de milionário europeu, cujo brilho natural o ambiente de estufa lhes tirou ou não soube dar. Nós olhamo-las com um pouco da nossa mocidade e com um pouco das preocupações que trazíamos (Barreto, 1909, p.135).

Penduradas nas janelas, essas mulheres foram observadas pelos demais personagens da narrativa com uma mistura de juventude e preocupação, mas sem uma profunda compreensão acerca de suas vidas ou sofrimentos. Embora fisicamente presentes, aparecem invisíveis, ignoradas como indivíduos.

Os fragmentos deste tópico mostraram que a literatura brasileira do início do século XX retratou a prostituta como produto de um sistema que a marginaliza e desumaniza. Autores como Lima Barreto e Aluísio Azevedo expõem o estigma impiedoso e a indiferença flagrante da sociedade, que reduziu essas mulheres a objetos de consumo e as consideram imorais.

## 5 Moralidade em colapso: a prostituta como ícone da imoralidade

Sob uma perspectiva histórica, a sociedade comumente marginalizava a figura da prostituta, tratando-a como um ser imoral e pecaminoso, sob um prisma fortemente influenciado por preceitos religiosos. Conforme observa Engel (2004):

Embora revestida por aspectos desta moralidade cristã a associação entre prostituição e pecado, por exemplo, a moral ética presente no discurso médico do século XIX revelaria um novo sentido, assegurado pela noção médica da higiene. [...] O prazer, condenado e excomungado no discurso cristão, é absolvido e resgatado no discurso médico, mas somente aprisionado pelas normas da regulação médica adquiriria legitimidade. A realização do prazer através do excesso e da ausência da finalidade reprodutora é condenada pelo médico, não só como doença física, mas também como doença moral. [...] Espaço da sexualidade moralmente sadia, a família, mesmo mantendo os traços de instituição sagrada, é concebida pelo médico, sobretudo, como instituição higiênica. Vinculada às noções de adultério, de união criminosa e de degradação dos costumes, a prostituição é o espaço da sexualidade moralmente doente e, deste modo, transformada pelo médico em ‘dragão’, ‘vibora’, ‘harpia’, ‘hidra’, enfim, no monstro que difunde o pavor ao se revelar um grande perigo para a instituição da família (Engel, 2004, p. 87).

Essa percepção está historicamente presente em normas sociais, que tendem a valorizar a pureza feminina, ao mesmo tempo em que condenam comportamentos tidos como desviantes desse padrão.



Sob a perspectiva de a prostituta ser tratada como imoral, pecaminosa e profana, a obra *A Intrusa* (1908), de Júlia Lopes de Almeida, revela-nos de que forma esses estigmas socialmente construídos moldam a sua representação na literatura:

[...] Lá fóra sou um viuvo como outro qualquer, não me abstenho nem da côrte á mulher de salão, nem do abraço á mulher do peccado; mas logo que entro em minha casa, parece-me sentir as mãos finas de Maria segurarem as minhas e a sua voz, que não esqueço, repetir-me aquella sua phrase ciumenta e que era como que o seu estribilho: — ama-me, a mim só! a mim só! (Almeida, 1908, p.31-32).

A expressão “mulher do pecado”, empregada no texto, possui uma carga moralista, que enquadra a prostituta dentro de um discurso de caráter religioso e social de condenação e punição. Ao ser associada ao pecado, a prostituta é, sumariamente, marginalizada, vista como uma figura, que viola os valores tradicionais e a moralidade historicamente estabelecida. Tanto corpo quanto existência tornam-se profanos. Em contrapartida, a obra nos mostra como o mundo sacraliza a figura da esposa e da mãe, representada pelas memórias em relação à personagem Maria.

A descrição da prostituta como imoral e pecaminosa reforça o dualismo entre o sagrado e o profano, narrativamente evidenciado pelas prostitutas e a personagem Maria. Na obra, o personagem Argemiro vive essa contradição de forma íntima: ao mesmo tempo que cede ao desejo das mulheres que são consideradas profanas, como as prostitutas, sente-se moralmente acochado e constrangido pela lembrança da esposa, uma figura santificada por suas ações em vida e posteriormente a morte.

Já em *Maria Dusá* (1910), Lindolfo Rocha oferece-nos um retrato igualmente objetivo e tocante da vida sertaneja, no século XIX na Bahia, introduzindo uma das mais memoráveis personagens femininas da literatura regionalista brasileira. Na obra, observamos a imagem da prostituta da seguinte forma:

– Não estou ofendida, explicava, aos íntimos, a messalina; não me ofendeu essa criatura que, por Deus eu juro, nunca vi! Ele foi vítima de um desgraçado engano! Está ainda apaixonado por alguma moça que se parece comigo! O que eu sinto é ter ele falado em meu pai, que não conheço, porque fui uma enjeitada... e sou... uma enjeitada da sorte! (Rocha, 1910, p.47).

Nesse fragmento, faz-se possível depreender um retrato sensível e crítico concernente à vida sertaneja no século XIX, explorando as tensões sociais e morais enfrentadas por sua protagonista. Na citação destacada, Maria Dusá expressa a sua condição de marginalização ao se descrever como uma “enjeitada da sorte”, revelando tanto a sua tentativa de preservar a dignidade quanto a dor do abandono. O uso do termo “messalina” evidencia o rótulo de desonra imposto pela sociedade às mulheres que



transgridem as normas morais, enquanto a fala da personagem humaniza a própria figura, expondo as contradições imanentes, os conflitos internos e as injustiças estruturais que moldam a sua trajetória.

A personagem ainda descreve um pouco sobre si e a sua condição, na qual nos apresenta como ela se sente acerca da situação presente:

– Sou uma perdida, uma estouvada. Vivo a rir e a folgar, porque minha sorte foi desgraçada e o mundo me quer assim. Mas na alma eu não tenho alegria da felicidade. Preferia conservar minha inocência, de que abusou um miserável com histórias de casamento, a possuir essa meia riqueza, que na minha terra serviria de vergonha entre gente de bem! (Rocha, 1910, p.48).

Nos dois fragmentos citados da obra, avulta o desabafo de Maria Dusá, referida como “messalina”. A protagonista se defende de uma ofensa, afirmando não se sentir atingida por alguém que, segundo ela, nunca viu e que, provavelmente, a confundiu com outra pessoa por sua semelhança. Durante esse desabafo, Maria Dusá expõe detalhes dolorosos de sua vida, como ter sido enjeitada desde o nascimento e sentir-se rechaçada pela sorte, definindo-se como uma perdida. Nesse sentido, Eliane Robert Moraes (2014, p. 178) reforça essa perspectiva ao afirmar que “o que dizer então de suas principais protagonistas, a quem se dá o nome de perdidas justamente por serem mulheres que dão”, isto é, mulheres que praticam atos sexuais sem estarem casadas.

Em contrapartida, Moreira (2017, p.79) afirma que “[...] poderia existir virtude entre as mulheres *perdidas*, assim como poderia haver corrupção entre as mulheres aparentemente distintas, pois essas mulheres eram produtos de seu meio [...]”. Apesar de viver de maneira despreocupada e alegre, Dusá confessa que essa postura é uma resposta à sua sorte desfavorável e às expectativas do mundo, mas, internamente, não experimenta verdadeira felicidade. Expressa profunda tristeza e incontestável arrependimento por ter perdido a sua inocência devido a falsas promessas de casamento, indicando que valoriza a integridade moral acima das vantagens materiais que a sua atual situação lhe proporciona, as quais seriam motivo de vergonha em seu lugar de origem. Esse relato confirma a complexidade da personagem, que, a despeito das aparências externas, enfrenta conflitos internos, tensões subjetivas e o desejo de uma vida diferente baseada em valores tradicionais de honra e inocência.

Nesse horizonte crítico, cabe examinarmos, ainda, como a figura da prostituta comparece na obra *Canaã* (1902), de Graça Aranha. Enquanto a personagem Dusá expressa dilemas internos relacionados ao arrependimento e à busca pela restauração de sua honra, Maria, em *Canaã*, ilustra outra perspectiva da marginalização feminina. Por



meio de sua trajetória, evidenciam-se os reflexos das normas sociais e morais sobre as mulheres que rompem com os padrões estabelecidos, ressaltando como a sociedade perpetua estereótipos e julgamentos que reforçam a sua exclusão.

Graça Aranha, portanto, em seu romance, modula ficcionalmente a figura de Maria, considerada prostituta. Pelo enredo, a moça cresce na família dos senhores de sua falecida mãe, e esse casal tinha um filho. No início da juventude, principiam um namoro, têm relações sexuais até que a menina engravida. Porém, a família, com interesses capitalistas, desejava que o rapaz se casasse com uma moça do mesmo nível social e econômico que o deles. Então, enviam o seu filho para morar em outro país e com isso, os patrões mandam Maria embora, e a moça vaga em busca de emprego, mas a “prostituta”, como passou a ser considerada, não conseguia ajuda nem do pastor da igreja. Essa situação revela e confirma a recorrente visão moralmente condenatória em relação à prostituta, tratada pelos demais como um ser imoral e indesejado no espaço sagrado da “morada de Deus”:

Ora, deixemos de comédia – clamou zombeteira a professora. – Eu sei bem por que os seus patrões, que devem ser gente honrada, a puseram na estrada... Divertiu-se? Por que chora? Temos nós culpa dos seus prazeres? Olhe, mulher, já que entrou nesse caminho, não era para aqui que se devia dirigir. Esta é uma casa de respeito, a morada de Deus. Vá para a sua vida... Vá... Fora... (Aranha, 1902, p. 239-240).

A professora, que é irmã do pastor e aparece apenas nesse trecho, como exposto, ao confrontar a mulher, demarca uma distinção muito objetiva entre o que considera vida “honrada” e vida “pecaminosa”. Ao recorrer a expressões como “gente honrada”, para se referir aos patrões da prostituta, e “caminho” para descrever a sua trajetória no meretrício, reforça, com veemência, a ideia de que a prostituição constitui uma escolha moralmente inferior, digna de reprovação social e moral, além de exclusão dos espaços considerados respeitáveis.

Nesse contexto, a acusação – “entrou nesse caminho” – sugere a trilha inevitável de degradação moral, da qual não há retorno, e que a mulher sequer dispõe do direito de buscar redenção ou acolhimento em lugares tidos como respeitáveis.

A transformação de Maria em uma “prostituta”, aos olhos da sociedade, reflete a moral rígida da época, que punia, severamente, as mulheres envolvidas em escândalos sexuais, enquanto os homens seguiam a sua vida sem maiores penalidades. A recusa do pastor em ajudá-la é outro aspecto que simboliza o fracasso das instituições religiosas na acolhida e proteção dos marginalizados, reforçando o seu papel de manutenção da ordem social dominante.



A representação da prostituta em *A Carteira de um Neurastênico* (1903), de Antônio Lobo, expõe uma visão severa e moralista, a qual repercute os preconceitos da época. A mãe da protagonista é descrita como uma “rameira de profissão”, imersa em vícios desde jovem e sem qualquer noção de moral ou decoro:

A mãe era uma rameira de profissão, afeita desde a mais tenra idade ao deboche e a crápula, sem a mais ligeira noção da moral, sem o mais leve vislumbre do decoro. Todos os vícios aviltantes e abjetos acharam muito cedo abrigo na sua alma, onde a perversidade parecia inata (Lobo, 1903, p.129).

Essa descrição exposta no fragmento acima estabelece um estigma profundo, representando a prostituta como uma figura inerente e inevitavelmente corrupta e depravada. A linguagem empregada – “deboches”, “crápula”, “perversidade inata” – mais do que insinua, mas denota que a prostituição é socialmente vista não apenas como um comportamento errado, inadequado e impróprio, mas como uma característica fundamental da identidade moral da mulher. Essa percepção enfatiza a noção de que a prostituta é uma figura moralmente perdida, cujos vícios são enraizados e inerentes a ela.

No entanto, a narrativa também oferece um momento de redenção para a personagem, quando a mãe chora ao ver a sua filha, sinalizando um despertar para a consciência dos próprios erros passados:

[...] viu, estendido ao seu lado [...] aquele entezinho débil e microscópico, carne da sua carne, sangue do seu sangue, gerado e alimentado nas suas entranhas, uma reviravolta brusca se produziu no ânimo da infeliz. As lágrimas lhe rebentaram dos olhos, os soluços lhe irromperam do peito, e para ali ficou durante uma hora inteira, a desafogar naquele pranto copioso a consciência que afinal lhe chegava dos seus erros passados. A mãe redimia pôr fim a prostituta, o amor da filha repelia, na irradiação salutar da sua pureza, as paixões ignóbeis de outros tempos (Lobo, 1903, p. 130).

Esse ato de choro e arrependimento é interpretado como um reflexo do inerente amor materno e da pureza associada à filha, contrastando, fortemente, com a sua vida pregressa. A transformação é representada como um processo de purificação por meio do amor filial, que expõe o desejo da protagonista de se afastar de sua vida anterior de prostituição e adotar uma identidade mais pura e respeitável.

Nessa perspectiva, podemos observar a dualidade entre a figura materna e a prostituta, conforme visto anteriormente em *A Intrusa*, de Júlia Lopes de Almeida, sujeitos fundamentalmente opostos, não havendo espaço para uma convivência interna entre essas duas identidades, a ser dissecado na narrativa posteriormente:

Os velhos amantes da Mariana, as suas antigas companheiras de deboche, vinham por vezes bater-lhe à porta, acenando-lhe com promessas falazes, exprobrando-a [...] mostrando-lhe que lhe seria fácil conciliar as duas profissões: ser prostituta e ser mãe ao mesmo tempo. De dia cuidaria da pequena, cercá-la-ia de todos os confortos indispensáveis e à noite [...] voltaria



à vida antiga, recebendo os homens, buscando satisfazer-lhes todos os caprichos e, por esse modo, recheando a bolsa para as despesas futuras (Lobo, 1903, p.137-138).

A sugestão dos antigos amantes de Mariana para que ela concilie a prostituição com a maternidade traz consigo tanto a ideia de uma oposição entre maternidade e prostituição como a de que a prostituição seria uma condição da qual não teria como escapar. A proposta ignora a consequência emocional e moral de sua condição, focando apenas no benefício financeiro, sem considerar a chance de uma vida mais digna ou de redenção.

Esse romance evidencia que, como afirma Rago (2014, p. 146), “ao contrário do que dizem os médicos burgueses, a 'vocação para a prostituição' não nasce de um instinto natural, mas provém de um problema econômico”. Mariana precisava de uma profissão para o seu sustento e, mesmo depois de abandonar a prostituição, não recebeu uma nova chance da sociedade.

A obra *Álbum de Caliban* foi publicada, inicialmente, em 1905, pela edição de “O Malho”. Trata-se de um romance curto, com 144 páginas e apenas 10 capítulos, assinado pelo pseudônimo de Coelho Neto: Caliban. O escritor maranhense adotava, ainda, outros nomes para suas produções de literatura erótica. Margarida, uma das protagonistas da história, ofertava aulas teóricas sobre sexo ao jovem inocente Innocencio. No entanto, a professora de sexo orienta o jovem a troco de dinheiro por meio de aulas práticas. No capítulo onze, o rapaz acorda Margarida na madrugada e oferece a suposta proposta das aulas:

Achei, filha; innocentissima! Mais inocente do que nossa mãe Eva, antes da patifaria da serpente que ele impingiu o fruto. E agora eu preciso de uma serpente para os dois, ou antes para a Innocencio porque, sabendo ele a coisa vai. No Paraíso quem ouviu a lição foi Eva; será Adão o nosso Innocencio. Lembrei-me de ti para umas liçãozinhas teóricas. Nada de demonstrações práticas entendes? Isso é comigo. O rapaz vem para cá de manhã e tu vais-lhe dizendo como se fazem as coisas isto é assim ou assado o senhor faz isso aquilo[...] (Caliban, 1924, p.31).

O texto empreende uma analogia com a história bíblica de Adão e Eva, na qual a “patifaria da serpente” representa o engano que leva à transgressão. Aqui, a serpente simboliza a prostituta que instruiria Innocencio sobre o universo sexual, corrompendo-o, indiretamente. Ao invés de demonstrar, diretamente, a prática, o plano envolve ensinar, teoricamente, com a filha passando o conhecimento, mantendo Innocencio, assim, em uma posição de inocência similar à de Adão antes da “queda”.



Teoricamente, Margarida venderia os seus conhecimentos lascivos ao protagonista Innocencio como uma preparação para seu futuro casamento. A proposta de se tornar professora particular é seguida de uma recompensa pelas aulas, na qual será a parte desse ato que a troca se transformará em prostituição, segundo o Vigário:

Estou te desconhecendo. Pois bem, façamos uma coisa: Eu trago-o amanhã, tu dás-lhe a primeira lição e se vires que o brutamontes toma o caso a sério, salta pela janela e vai ter comigo á sacristia. Olha que a maçarica é bôs. Podes contas com uns contos de réis e, em vez de um pé de meia, encherás dois, ou mais. Precisas cuidar da vida. Eu não sou eterno, bem sabes (Caliban, 1924, p. 33).

A proposta “Eu trago-o amanhã, tu dás-lhe a primeira lição” parece sugerir que alguém será apresentado a uma mulher, com a expectativa de que ela desempenhe um papel específico – neste caso, prestando um serviço sexual. O termo “brutamontes” indica que o cliente é uma pessoa ignorante, e a “lição” pode ser interpretada como a experiência que terá com a mulher, em que, especificamente, essa última palavra” assume uma acepção mais metafórica, referindo-se ao serviço prestado.

A instrução “saltar pela janela e ir ter comigo à sacristia” adquire, nesse contexto, uma conotação de clandestinidade. O “saltar pela janela” sinaliza a necessidade de se escapar de uma situação comprometedora, ou de evitar ser visto, enquanto a “sacristia” pode sinalizar um local seguro ou reservado, espaço apropriado para discussão e planejamento do próximo passo longe de olhares curiosos. A promessa de “uns contos de réis” e a possibilidade de “encher dois pés de meia” servem como incentivo ou recompensa pela participação nesse esquema, oferecendo compensações financeiras significativas.

Na obra em questão, destaca-se a premência de uma jovem na instrução do protagonista quanto a questões relativas à sexualidade. No entanto, essa tarefa atribuída a Margarida carrega um peso significativo, uma vez que, ao abordar temas íntimos, depara-se com os rígidos padrões morais de uma sociedade que não considera apropriado, para uma mulher respeitável, tratar de assuntos dessa natureza. No horizonte dos mascaramentos sociais e da hipocrisia internalizada, a prostituta surge, então, como uma necessidade, embora ninguém pudesse saber do acordo, especialmente entre ela e Inocência, considerando que a moça seria uma fiel católica.

Ainda no projeto literário de Coelho Neto, ressalta-se outra obra com a mesma temática. O romance *Turbilhão*, publicado originalmente em 1906, pela editora Laemmert & Cia, é considerado um dos mais importantes do autor maranhense, conhecido por seu estilo romântico e descritivo. Dividido em 25 capítulos, a narrativa é



desenvolvida em ordem cronológica, mantendo uma estrutura linear, a qual permite ao leitor acompanhar, de forma contínua, os desdobramentos da trama nas problemáticas sociais e morais abordadas.

Em *Turbilhão* (1906), os personagens principais são Violante, D. Júlia e Paulo Jove. Como figuras secundárias, destacam-se Mamede, Rita, Fábio, Felícia, Bruno e o pai de Violante, um major de cavalaria não nomeado, que prometia à filha luxo, sedas e joias ao se casar com um homem rico. Dona Júlia, mãe de Violante e Paulo Jove, é responsável pela casa, cuidando das finanças, limpeza e reparos, apesar de idosa e doente. Muito religiosa, ela mantém em seu quarto imagens da Conceição e do Senhor dos Passos, além de registros milagrosos. Apesar de contar com a ajuda da criada Felícia, D. Júlia vive reclamando de dores, o que preocupa a família e exige visitas frequentes de médicos.

Em um primeiro momento, emerge a figura de Violante, de classe baixa, porém ambiciosa, acompanhada de seus primeiros indícios de comportamento fora do padrão, na contumaz clave de valores de uma moça decente de sua época. Nesse sentido, o segundo capítulo do livro a descreve como:

[...] sempre a pensar em enfeites, fazendo e desfazendo penteados ao espelho, polindo as unhas, passava os dias na cadeira de balanço, a ler romances e, à tarde, encharcada de essências, com muito pó-de-arroz, debruçava-se à janela, para ver os trens e receber bilhetinhos que os rapazes metiam por entre as rexas da persiana (Neto, 1906, p. 6).

Conforme o trecho citado, a personagem tinha uma personalidade que fugia do padrão das moças de seu tempo, regidas por um modelo comportamental de mulher ideal e honesta, isto é, “certa”, no qual deveria se dedicar a sua casa e se manter casta longe de rapazes. A jovem antes de adentrar a prostituição dava indícios de que não seguia os padrões morais. Ademais, não sucumbiria à carreira doméstica.

Em uma passagem do romance, a sexualidade feminina é tratada como um patrimônio da família, de modo que Violante está sendo procurada na tentativa de ser encontrada virgem. Dona Júlia diz ao seu filho: “podiam encontrá-la ainda pura. Os agentes conhecem todos os recantos e ela, talvez por pudor, resistisse, dando tempo a que a salvassem” (Neto, 1906, p. 10). O uso do verbo “salvassem” no contexto de fala remete a salvaguardar a virgindade inviolada da moça, dimensão simbólica importante. A função das mulheres, notoriamente, era casar, gerar filhos e ser responsável pela manutenção da família, pois “estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem e, depois, deviam restringi-la ao âmbito desse casamento” (Soihet, 2004, p. 304).



Em um segundo momento da história, Violante surge como uma prostituta extremamente rica, adornada de joias, o que transforma a visão que Paulo, seu irmão, tinha dela. Antes, ele a via de forma idealizada e juvenil, mas agora a encara sob uma nova angulação. Esse encontro no teatro marca um ponto de virada, mostrando a reinvenção de Violante e como a sua imagem de prostituta é moldada tanto pela visão da sociedade quanto pela percepção de sua família. No livro, é apresentada uma mudança de pensamento e representação de Violante por meio da transformação da percepção de Paulo quanto a ela no Capítulo 16:

Paulo pensou em Violante com simpatia. Afinal, que podia ela esperar? Pobre, casando não passaria da vida insípida que levam todas as mulheres, na monotonia enfadonha dos afazeres domésticos, mal-amanhada, envelhecendo, mortificando-se no trabalho insano, arrastando a fecundidade penosa, sempre rodeada de filhos, talvez brutalizada pelo marido, sofrendo privações entre as quatro paredes duma casa. Assim, não — era livre, tinha todo o gozo, podia saciar-se à larga, sem preocupar-se com a sociedade com a qual rompera abertamente. Era uma revoltada. Tinha, para impor-se, a mocidade e a beleza — que importava o resto? A sociedade só despreza a miséria — as desonras que vexam são a fome, a nudez as moléstias; o dinheiro tem sempre o seu prestígio, ninguém lhe pede a origem... E ela nadava em ouro (Neto, 1906, p. 119).

Esse trecho aporta uma reflexão sobre a sociedade do início do século XX, cenário no qual impunha-se às mulheres a renúncia de suas liberdades ante as escolhas dos maridos. Pois Violante opta pela liberdade de decidir pelo homem que desejar, ou seja, é marcada por desejos ativos e predileções radicais. Enquanto Paulo reconhece as limitações impostas às mulheres, as quais, no casamento, agrilhoar-se-iam a um cotidiano monótono e restrito aos afazeres domésticos e à maternidade, Violante encampa a liberdade e a autonomia, aceitando uma nova identidade, que rompe com as convenções e rejeita o caminho tradicional reservado às mulheres da época.

Em outra obra de Coelho Neto, *Esfinge* (1908), a representação da prostituta prossegue, simbolicamente, complexa e contraditória:

E referiu: Certa rapariga do mundo, durante a moléstia, no hospital, era horrenda, de fazer asco, horas depois de morta, como se se lhe despegasse do rosto uma crosta escamosa, descobrindo a pele alva e fina dos quinze anos, surpreendeu a todos pela beleza. Juntou-se gente no anfiteatro para vê-la. O Décio fez-lhe um soneto, um lindo soneto!” (Neto, 1908, p. 165).

A passagem acima descreve uma jovem prostituta, que, durante a sua doença, é descrita como “horrenda” e repulsiva, mas que, após sua morte, surpreende a todos ao, inesperadamente, revelar-se como uma mulher detentora de grande beleza. Essa transformação abrupta, de uma figura que inspira nojo para um ser possuidor de uma formosura admirável e invejável, aponta para uma visão dualista em relação à figuração



da prostituta na literatura e na sociedade: enquanto viva, é desprezada e amplamente marginalizada, vista apenas como um objeto de prazer carnal; na morte, a sua aparência pura e jovem ressurgue, o que causa uma reação de surpresa e reverência àqueles que observaram os momentos de sua trágica vida.

Tal transformação física sugere uma purificação tardia, ou uma revalorização do sujeito mulher, agora morta e por isso, liberta da prostituição, mas apenas quando ela já não representa uma ameaça à moralidade ou aos padrões sociais vigentes. A ironia está no fato de que, em vida, a sua humanidade lhe foi negada, sendo vista apenas como uma figura de decadência e imoralidade, enquanto, na morte, passa a ser visualmente valorizada, transfigurada em objeto de arte, como ilustrado pelo soneto escrito em sua homenagem.

Em continuidade à análise das representações femininas na obra de Coelho Neto, é importante destacar *O Misterio* (1920), outro romance a abordar a problemática da prostituição. Inicialmente publicado como folhetim, o romance foi posteriormente consolidado em formato de livro, consolidando-se como uma importante contribuição do autor à literatura brasileira. Segundo registros disponíveis na Biblioteca Digital da Literatura de Países Lusófonos, os capítulos eram lançados diariamente entre 20 de março e 20 de maio de 1920. A obra é de autoria de Afrânio Peixoto (17 episódios), Coelho Neto (4 episódios), Viriato Corrêa (14 episódios), Medeiros e Albuquerque (9 episódios), que na época era o diretor do jornal *A Folha*.

A obra apresenta diversos personagens, como Pedro Albergaria, Sanchez Lobo, Major Mello, Xavier, Mello Bandeira, Lobato, entre outros. A prostituta, embora não seja a protagonista, assume o papel de antagonista, sendo interrogada e investigada pela polícia devido à sua relação com Sanchez Lobo, mencionada em seu diário. O detetive se encarrega de procurar a famigerada “Armênia”, citada nos registros deixados pelo falecido. A passagem que menciona a prostituta é a seguinte:

[...] O meu sobrinho não veio para a reconciliação. Por que? Conveniencia lá delle. O patife é esperto, mas eu me gabo de ser mais. Tive tempo para todos os negocios e ainda pude dar um dedo de prosa à Armenia. Estava hoje linda como nunca. Quer dar um passeio a Buenos Aires e pede-me para isso a bagatella de cincoenta contos. Está louca! Amou-se porque eu não lhe dei atenção ao pedido. As mulheres são de uma exigencia clamorosa e a Armenia parece que jurou aos seus deuses depennar-me. Parece-me que terei de dar-lhe o dinheiro. A Armenia conhece coisas de minha vida que muito me prejudicariam se viessem a público (Peixoto, 1920, p.107).

O trecho destaca a relação de controle que a prostituta exerce sobre o banqueiro, Sanchez Lobo, ao exigir dinheiro para não revelar segredos que poderiam arruinar a sua



reputação. Forçada a sobreviver após ser abandonada pela família, a jovem se vê sem opções e acaba entrando no comércio sexual. Embora inicialmente sem escolha, ao aceitar a sua condição, passa a se relacionar apenas com homens da alta classe.

A presença da prostituta na obra ilustra como a família controla a sexualidade de suas integrantes para preservar as propaladas “honra” e a “moralidade”. A inevitável perda da virgindade fora do casamento a relegaria à condição de prostituta, refletindo a precariedade da situação de muitas mulheres.

Além da presença da prostituta Judith, no livro também são mencionados os bailes com outras meretrizes, de forma ampla, denominadas de “devoradoras de ouro” e “sangue-sugas”, descritas como risonhas (risotas), além de “sereias que devoram”. Conforme a seguinte citação:

Era no High-Life uma noite de baile. Os salões regorgitavam transbordando para os jardins uma alegre multidão. [...] Mulheres, as mais formosas filhas de Cythera, os grandes nomes do mundo alegre, todas as terríveis devoradoras de ouro, cruzavam-se, umas ajoujadas a velhotes ridículos, que mal se podiam ter nas pernas sexagenárias e faziam das tripas corações para manter atitudes ao lado das suas sangue-sugas louras ou morenas, outras com rapazinhos de olhos languidos, tresandando a ether como drogarias. E eram risotas, dichotes, gritinhos (Neto, 1920, p.111).

O Cenário descreve um baile no High-Life, um local sofisticado, onde as “filhas de Cythera” – referência à deusa Afrodite, simbolizando beleza e amor – representam mulheres atraentes acompanhadas de homens importantes. No entanto, elas são, pejorativamente, chamadas de “sangue-sugas”, implicando que se aproveitam financeiramente dos homens.

## **6 Diversidade de representações da prostituta na literatura brasileira do Século XX: entre moralismo, humanismo e contextos sociais**

A análise das obras catalogadas nesta pesquisa revela variadas representações da prostituta na literatura brasileira do período estudado. Enquanto alguns autores adotaram uma abordagem moralista e estigmatizante, retratando as prostitutas como figuras trágicas ligadas à decadência e ao sofrimento, outros oferecem uma visão mais humanizada, explorando as motivações, as adversidades e as contradições dessas mulheres, além de questionar as normas sociais. É fundamental reconhecer que muitas vezes não conhecemos a realidade das profissionais do sexo e, mesmo assim, formamos opiniões baseadas em preconceitos que consideram o trabalho sexual como, intrinsecamente, abusivo, desumanizando essas profissionais e ampliando, assim, as suas vulnerabilidades.



A pesquisa apresentou, ainda, uma diversidade de classificações e representações da mulher prostituta no campo literário, com variações nas nomenclaturas e formas de exposição. Determinados autores abordam a prostituta de maneira sutil, enquanto outros oferecem descrições mais detalhadas. No início do século XX, predominava uma visão moralista e conservadora, mas, à medida que a década avançava, surgiram narrativas mais empáticas, que buscavam compreender as complexidades da vida das prostitutas.

Segundo Prada (2018), a trabalhadora sexual é socialmente excluída por se desviar das normas, sendo alvo de hostilidade por parte de um segmento do movimento feminista que adota um discurso salvacionista. Dessa forma, o feminismo radical reproduz um discurso moralizante, que vitimiza a profissional do sexo, negando a sua capacidade de fazer escolhas conscientes e autônomas em relação ao trabalho sexual.

A análise crítica das obras confirmou, portanto, que o contexto histórico, social e cultural influenciou a representação da prostituição feminina na literatura. Essa ficcionalização foi, inegavelmente, impactada dos processos de urbanização no início do século XX, bem como por movimentos literários e eventos políticos e sociais diversos, que contornavam a sociedade da época. Como sustenta Prada, “quantas podem dizer que nunca se submeteram a cumprir uma tarefa desagradável por causa do valor oferecido, que poderia suprir alguma necessidade imediata ou ser financeiramente compensador?” (2018, p. 74). Nesse sentido, a organização das práticas profissionais na prostituição para reduzir o sofrimento está, inexoravelmente, ligada à classe social da trabalhadora sexual. As obras também abordam questões de gênero, sexualidade, poder e marginalização, explorando as relações entre prostitutas e clientes, bem como as implicações da sexualidade feminina na sociedade patriarcal, evidenciando, assim, a literatura como um espaço de recepção crítica às dinâmicas de gênero e marginalização social.

A análise das personagens Cecília, Thereza, Ambrosina, Nina, Mariana e Maria Dusá patenteia, desse modo, como a sociedade patriarcal controla a sexualidade feminina, enquanto os homens gozam de maior liberdade. Mulheres que exploram a sua sexualidade fora do casamento enfrentam estigmas, enquanto os homens, historicamente, não. Embora a sexualidade seja central para a constituição da identidade feminina, também resulta em marginalização. Casos como os de Ambrosina e Maria Dusá demonstram que essa sexualidade pode tornar-se uma ferramenta de poder e resiliência. Rago (2005) destaca que a prostituição oferece às mulheres experiências sociais, que exploram as suas capacidades emocionais e sexuais. Em nossa sociedade, a marginalização se perpetua nas



gerações, como nas histórias de Nina e Mariana, evidenciando o duplo padrão que desumaniza mulheres que não se conformam às normas sociais.

## 7 Considerações finais

Destacamos a complexidade das representações da imagem da mulher-prostituta na literatura brasileira do início do século XX, especificamente entre os anos de 1900 e 1920. Foram catalogados quatorze romances que envolvem essa temática, cujos resultados indicam a presença de diversas vozes literárias que exploraram, de modo direto ou indireto, o papel dessas mulheres nas narrativas, refletindo as contradições e as transformações sociais, culturais e literárias da época.

Este artigo é o produto final de uma etapa inicial de um projeto de pesquisa que envolveu seis alunos(as) de graduação do curso de Letras do campus da Uema, em Presidente Dutra, Maranhão. Esses estudantes foram responsáveis pela coleta e catalogação dos romances, conforme descrito na metodologia, demarcando a importância da formação acadêmica prática para o desenvolvimento da pesquisa. Apesar de a prostituição ser um tema amplamente abordado ao longo dos anos pela história e crítica literária, o objetivo central deste estudo foi sistematizar os dados já existentes, organizando-os de maneira a facilitar a busca sobre o tema.

A diversidade da figuração da mulher-prostituta no gênero romance, seja como personagem central ou secundária, evidencia a riqueza de possibilidades interpretativas que a literatura oferece. Essa multiplicidade de abordagens permitiu que as narrativas explorassem desde representações moralizantes e estigmatizadas até perspectivas mais complexas, que humanizam e conferem protagonismo às personagens. Observamos que, frequentemente, a prostituta é retratada como uma figura marginalizada, cuja existência tida como degradante está à margem da sociedade. A sua trajetória é, frequentemente, associada a pobreza, exclusão social e falta de oportunidades, mas também a resistência e sobrevivência, o que abrange um amplo número de percepções culturais e sociais da época.

O artigo reafirma a relevância do tema e, ao mesmo tempo, reconhece as suas limitações. Este trabalho não se propõe a oferecer respostas definitivas sobre o assunto ou o período estudado, mas serve como uma base de dados organizada, que pode ser consultada por outros pesquisadores(as). Com isso, contribuímos tanto para o fortalecimento de pesquisas qualitativas quanto quantitativas nos estudos literários atuais.



Importante mencionar-se que a pesquisa segue em andamento, com o objetivo de explorar outras décadas do século XX, no gênero romance, em etapas posteriores, já em realização. Dessa forma, o trabalho coletivo, aqui apresentado, configurou não apenas um ponto de partida, mas, também, atenção crítica e incentivo hermenêutico para novos olhares e abordagens sobre a temática.

## Referências

Acervo da Literatura Maranhense. **Biblioteca Digital da Literatura Maranhense**. Disponível em: [https://www.literaturamaranhense.ufsc.br/?locale=pt\\_BR](https://www.literaturamaranhense.ufsc.br/?locale=pt_BR). Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A falência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina de Obras de A Tribuna, 1901.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A intrusa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1905.

ALVES, I. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. In: FERREIRA, S. L.; NASCIMENTO, E. R. (orgs.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. 1. ed. Salvador: NEIM / UFBA, 2002. p. 85 –98.

ARANHA, José Pereira da Graça. **Canaã**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1902.

AULETE, J. C. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1974.

AZEVEDO, Aluísio. **A condessa Vésper**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1901. Publicado originalmente em 1882 com o título: Memórias de um condenado.

AZEVEDO, Aluísio. **Girândola de amores**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1900.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. 1. ed. Rio de Janeiro: Floreal, 1909.

BRASIL. [Projeto de Lei n. 4.211, de 12 de julho de 2012]. Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 137, 2012.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017.

GARCIA, T. O. Pagando bem, que mal tem? Ponderações sobre a regulamentação da atividade do sexo, marginalização e criminalização. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 4., 2016, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: EST, 2016. p. 100-180.



HOUAISS, Antônio. **Minidicionário da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LOBO, Américo. **A carteira de um neurastênico**: romance. 1. ed. São Luís: Edições d'A Revista do Norte, 1903.

LUKÁCS, Georg. **O romance como epopeia burguesa**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

MEY, Eliane Serrão Azevedo. **Introdução à catalogação**. 1. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1995.

MORAES, Eliane Robert. **Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária**. Teresa revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 15, p. 165-178, 2015.

MOREIRA, Greiciellen Rodrigues. **Maternidade e representações femininas em “Lutas do coração”, de Inês Sabino, “Virgindade inútil”, de Ercília Nogueira Cobra, e “O quinze”, de Rachel de Queiroz**. 2017. 160 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

NETO, Coelho [pseud. Caliban]. **O Arara**. 2. ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1923.

NETO, Coelho. **Tormenta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1901.

NETO, Coelho. **Turbilhão**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1906.

NETO, Coelho. **Esfinge**. 1. ed. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1908.

NETO, Coelho. **Rei negro**: romance bárbaro. 1. ed. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1914.

PEIXOTO, A. NETO. Coelho, MEDEIROS. ALBUQUERQUE. CORRÊA, Viriato. **O mistério**. 1. ed. Rio de Janeiro: A Folha, 1920.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p. 7-23, jul./dez. 2005.

PRADA, Monique. **Putá feminista**. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2018.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista — Brasil 1890-1930. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

RAGO, Margareth. Imagens da prostituição na Belle Époque paulistana. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, p. 31-44, dez. 1993.

RAGO, Margareth. Cultura feminina e tradição literária no Brasil (1900-1932). **In:** \_\_\_\_\_ (org.). **Mulheres em ação**: práticas discursivas, práticas políticas. 1. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

ROCHA, Lindolfo. **Maria Dusá**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1910.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. **In:** PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 362-400.

TÁCITO, Hilário. **Madame Pommery**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.



*Pesquisa*

ISSN 2525-8222

DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2026.v.14.n.40.1316>

VASCONCELOS, V. N. P. Mulheres honestas, mulheres faladas: casamento e papéis sociais.  
**In:** ENNE, Ana Lúcia (org.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro:  
Ed. UFRJ/Revan, 2002. p. 201-219.

**Recebido em:** 22 de março de 2025.

**Aceito em:** 02 de fevereiro de 2026.